

Editorial

André Leal

Apesar das desesperanças e do cansaço que nos afligem nesse começo de 2022, alguns eventos nos permitem ter alguma esperança. O cenário político, mesmo que ainda continue sendo tumultuado pelas desinformações e ataques à democracia, nos permite ao menos sonhar com uma possibilidade de mudança para o próximo ano. A pandemia ainda não acabou, sendo ainda uma ameaça constante e fonte inesgotável de preocupação, principalmente para aqueles que convivem com pessoas mais vulneráveis. As três doses de vacina que grande parte da população já tomou, porém, permite que lidemos com a Covid-19 de maneira um pouco menos assustadora. A ciência venceu essa primeira batalha contra o vírus e aos poucos as atividades do ‘velho normal’ vão sendo retomadas.

Nesses dois últimos anos, visitar um campus universitário para cumprir com alguma burocracia que demandasse a presença física era uma experiência desoladora: corredores vazios, cantinas fechadas, salas de aula empoeiradas e apenas alguns poucos funcionários ou pesquisadores perambulando. Nos últimos meses, porém, as aulas presenciais foram sendo paulatinamente retomadas nas principais universidades do país e assim os campi universitários foram renascendo das cinzas onde pareciam estar, apesar da precariedade infra estrutural permanecer em muitos deles – problema crônico de nossas universidades públicas. Ver os corredores e salas repletos de alunos é um alento depois de mais de dois anos de atividades acadêmicas remotas, cumpridas de nossas casas e em nossas telas. Do mesmo modo, exposições em espaços não-institucionais ou independentes vão paulatinamente voltando a acontecer, acolhendo os mais variados corpos saudosos de contato. O mundo artístico assim retoma sua potência experimental e afetiva, a espontaneidade das trocas e encontros que ficaram refreadas nesses últimos anos.

Assim, se cansados estamos de um cenário político, econômico e social cada vez mais desolador, há motivos para ter esperanças. Sigamos nos cuidando e protegendo nossos maiores e menores. Mas também é necessário ter coragem de voltar a conviver nos espaços afetivos que nos constituem, sejam eles museus, universidades, bibliotecas.

A distância, ou mesmo cansaço, em relação aos tempos mais duros da pandemia também se faz sentir nos textos da 12ª edição da *Desvio*, menos atravessados por essa temática. A capa apresenta a obra *Sonho não é refúgio*, de Ana Hortides. Adeilma Costa apresenta seu texto *Medicamentos poéticos*, no qual relaciona suas práticas pedagógicas e artísticas em relação ao contexto de violência escolar. Sofia Mussolin, em *Encarnada: uma relação multiespécie*, apresenta sua colaboração interespécie com os microorganismos da kombuchá para a produção artística. Já Tulio Sousa Costa, em *A lenda [eu também sou uma bixa intelectual como minha amiga Marcel Couto]*, traz um relato autobiográfico poético de sua trajetória enquanto ‘bixa intelectual’. Em *Corpo escrito: memória e voz do feminino*, Kamila Costa traz uma narrativa na qual entrecostura sua própria biografia, desde seu corpo, a práticas de outras artistas e intelectuais mulheres.

Jorge Luis Lopes Júnior, em *Performance arte negra: a revolta pela insubmissão*, apresenta um debate fundamental para a arte contemporânea: a performance de artistas negres como disputa e ruptura do circuito artístico hegemônico e prática decolonial. Maria Piedade, em *Ecos: uma proposta de contato entre política e estética*, parte do pensamento do filósofo Vladimir Safatle para repensar as possíveis relações entre estética e emancipação política de sujeitos históricos despossuídos.

Em *O sequestro do cinema: táticas de aprisionamento hollywoodianas e possíveis fugas através da arte contemporânea*, Crystal Duarte tensiona os limites da prática cinematográfica desde práticas artísticas contemporâneas. Renan Battisti Archer, em *Visualidades, espaços e janelas: significando elementos e compartilhando significados antes e durante a pandemia*, traz reflexões sobre a produção de arte na pandemia de Covid-19. A página dupla dessa edição ficou a cargo de Luana Carvalho e Vitor Martins, com *Memória e Navio negreiro*, respectivamente. Em *Impressão: Claude Monet e os parâmetros modernos na imprensa brasileira do século XIX*, Beatriz D’Aiuto Eckhardt busca demonstrar como a produção de Claude Monet foi assumida como uma arte genuinamente moderna na imprensa carioca ao final do século XIX, por meio de pesquisas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Já Sara da Silva Uliana, em *Museus serpentes: imaginando uma museologia entre mundos*, analisa uma exposição de Arte Indígena Contemporânea dos artistas Denilson Baniwa e Gustavo Caboco à luz de teorias estéticas e políticas contemporâneas como um giro decolonial nas práticas colecionistas de museus. Outra produção artística indígena é abordada por Matheus Dal Bem em *Vacas na terra de Makunaíma: uma análise iconológica da figura bovina em Jaider Esbell*, servindo ainda como uma homenagem a esse importante artista que nos deixou recentemente.

Em *Entre o muro e a encruzilhada, as brilhaletes de Anchieta (des)organizam*, Sabrina Dias Veloso traz uma interessante apresentação e reflexão sobre mulheres bate-bolas no subúrbio carioca. Luisa Melo Guerrero, em *O corpo feminino na fotografia de Helmut Newton: a questão da representatividade, do olhar e da performance de gênero*, busca refletir sobre a representatividade feminina nas fotografias de Helmut Newton, junto com teóricas feministas como Griselda Pollock e Judith Butler. Augusto Henrique, por sua vez, apresenta um *Breve panorama da arte pré-histórica africana* baseando-se na obra de J. Ki-Zerbo apresentada em 'História Geral da África – metodologia e pré-história da África'. Por fim, em *Sim é nossa história*, Fabrício Dias Medeiros apresenta uma crítica em relação à demolição do Casarão dos Alcântara no município de Livramento de Nossa Senhora (BA), refletindo sobre questões da memória e da história a partir de um relato pessoal seu.

Apesar dos cansaços, há de se ter algum tipo de esperança em um momento melhor, há de se propagar a prática escrita e acadêmica realizada por nossos autores nesta 12ª edição, há de se ver com apreço as possibilidades que teremos daqui para frente.

André Leal

Revisão de Gabriela Lúcio
e João Paulo Ovidio